



XXXII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE 2012 DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

RESUMOS

Paula Priscila Braga

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Arte contemporânea: arquivamento e distribuição em rede como categorias estéticas para além do novo

A arte do início do século XXI está imersa não só nas águas poluídas do capitalismo tardio, mas também nas ondas da comunicação e na temporalidade estabelecida por novos meios tecnológicos de comunicação, como as redes cibernéticas. Este advento tecnológico produz impacto na nossa maneira de modelar o mundo e fabricar conceitos. Como afirma Anne Cauquelin, “certamente, há modas conceituais. Leva-se uma noção como uma vestimenta que se usa, sai de moda, volta. De repente só se fala de fluxos e redes, a árvore ou a grade são cafonas.” Quais seriam as transformações na arte que essa moda conceitual impinge? Se ainda são poucos os exemplos de artistas que usam a rede como linguagem, e não apenas como veículo de circulação da obra, o “sistema da arte” é hoje muito mais uma rede do que um sistema linear do tipo emissor-meio-receptor ou produtor-intermediário-consumidor.

Algumas características da rede -- o espaço horizontalmente infinito, o tempo acelerado, o aqui e agora espesso, a coletividade de solitários -- expandem o campo do sensível, atrelam-se ao corpo instituindo novos modos de relacionamento com o mundo. Essa redefinição dos espaço-tempo implica na abertura de um novo campo político. A “resistência” na arte contemporânea é mais comum como aquilo que perdura do que como aquilo que confronta.

Como lembra Deleuze em “O ato de criação”, basta olhar para uma estatueta feita em 3.000 a.C. para saber que arte é algo que resiste, embora nem tudo que resista seja arte. Depois da desmaterialização do objeto de arte, fica claro que essa resistência física não é a única forma que a arte tem de perdurar. Hoje, perdura a obra que continua a circular. E a arte contemporânea não só circula na rede como também é uma rede que ecoa a arte passada. Quando a arte contemporânea abole o imperativo do novo como aquilo que é inédito, decreta-se como meio de propagação do que foi feito anteriormente. Será esse um outro novo? A arte contemporânea vive da nostalgia de uma época que resistiu no sentido do enfrentamento, mas resiste apenas como meio, como estrutura para alcançar “um povo que ainda não existe.” Nesse sentido, ela não é passivamente nostálgica pois não se restringe a celebrar o passado. Ela é propositiva quando olha o passado para dar consequência e circulação a ele, para atravessá-lo para um outro ponto. Daí apropriação em larga escala, e obsessão pelo arquivamento, mesmo quando ocorre fora da rede cibernética, mas sem escapar da rede da arte contemporânea.